

Psicoterapia e liberdade humana: uma discussão a partir de Ortega y Gasset

Psychotherapy and human freedom: A discussion from Ortega y Gasset

Eloisa Nogueira Aguiar

Universidade Estácio de Sá. Rua Zenaide Villela, s/n, Jardim Brasília, 27515-010,
Resende, RJ, Brasil. eloaguiar@zipmail.com.br

Resumo. Considerando que as questões que se apresentam à psicoterapia implicam a relação do homem com sua circunstancialidade, o artigo busca trazer à tona contribuições do pensamento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, que encontra como fato primário e fundamental a existência conjunta de um eu ou uma subjetividade e seu mundo. A vida, portanto, encontra-se inseparável dessas duas dimensões. O primado da vida humana, na filosofia orteguiana, situa o homem em uma condição de liberdade e constante quefazer, dada sua carência de identidade apriorística. Essa carência traduz a concepção de homem como obra aberta – drama – que está a construir-se em uma infinda tarefa de fazer-se no encontro com a realidade. O ser do homem, como projeto de liberdade, realiza-se na relação com a circunstância, fecundando, com a sua consciência, o mundo de sentido. Cabe ao homem, então, uma conduta operante, respondente e responsável: é o exercício da liberdade. Essa concepção aponta para um papel ativo do cliente em situação terapêutica, tornando-se esta um convite à reflexão do quefazer vital e suas alterações, com vistas a uma existência mais autêntica. A proposta de Ortega y Gasset é que seja instaurado um modelo de razão ou de compreensão que pense a vida como uma trajetória com razões constantes de escolhas, fundadas no comprometimento com a liberdade individual e a singularidade de cada um.

Palavras-chave: psicoterapia, liberdade, Ortega y Gasset.

Abstract. Considering that the questions that the psychotherapy face imply the relation of man with his circumstantialities, this article aims to bring contributions of the thought of the Spanish philosopher Jose Ortega y Gasset, who finds as primary and basic fact the joint existence of one self or the subjectivity and its world. Life, therefore, meets in between these two inseparable dimensions. The primate of the human life, in the Orteguian philosophy, points out to a man in a condition of freedom and constant what-to-do pursuit, given its lack of aprioristic identity. This lack translates the conception of man as a work in progress - drama - that is to construct itself, in one interminable task to become in the meeting with reality. The self of the man, as a freedom project, is fulfilled in the relation with the circumstance, fecundating, with its conscience, the world of sense. It is for man to be operative, respondent and responsible: it is, therefore, the exercise of freedom. This conception indicates an active role of the customer in therapeutical situation, becoming this invitation the reflection of vital what-to-do pursuit and its alterations, with sights to

a more authentic existence. The proposal of Ortega y Gasset is that an understanding or reason model is restored considering life as a trajectory with constant reasons of choices, established in the obligation with the individual freedom and the singularity of each other.

Key words: psychotherapy, freedom, Ortega y Gasset.

Introduzindo a questão

Dentre os resultados apontados na pesquisa *Redesenhando a Psicologia*, realizada por Silva (*in* Freitas, 2001), com base em alunos de Psicologia, destacou-se a ideia de o psicólogo ter soluções quase mágicas para os problemas. Tal concepção aponta para o esquecimento ou o menosprezo da liberdade humana, condição imprescindível para toda a operacionalização da psicoterapia, seja qual for o modelo adotado.

A psicoterapia não é apontamento de caminhos, nem laboratório ortopédico, mas convite à reflexão sobre a experiência de vida, da própria vida. A terapia de nada serve se não tiver conexão com a vida, mais precisamente com o sentido que cada um atribui a sua vida, o que já é um ato de liberdade. Se restringirmos nossa atividade profissional à aplicação de técnicas que visem minimizar ou extirpar o sofrimento de quem nos procura, iludiremos a nós mesmos e a quem nos procura com a ideia de que há um meio externo ao sujeito de tratar o sofrimento, de que há um conjunto ideal de técnicas - alheio a sua participação ativa, ao seu engajamento - capaz de dar conta de seu sofrimento. Seja qual for o modelo teórico adotado, usando técnicas terapêuticas ou não, ele precisa levar em conta a questão do sujeito e sua capacidade de ação e superação sobre aquilo que atribui como problema.

Percorrendo a obra do filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), somos advertidos acerca dos perigos e contradições da redução matematizante do mundo, capaz de nos embriagar com suas verdades universais, porém limitadoras de uma experiência livre, radical e humana de pensamento. Adverte-nos, não apenas nas referências bibliográficas aqui utilizadas (Ortega y Gasset, 1962, 1963, 1965, 1967, 1971, 1973, 1982, 1989), que um dos mais importantes defeitos da filosofia tradicional é sua concepção substancialista da realidade, a ideia de que o real tem que ser estático. Esta forma de entender o ser teve consequências na história da filosofia e da cultura, como, por exemplo, o desenvolvimento na Idade Moder-

na da razão pura e da razão matematizante. Os filósofos modernos colocaram as maiores esperanças neste tipo de racionalidade. Acreditaram que com ela poderíamos compreender e dominar o mundo, bem como entender o homem. Estes ideais típicos da Modernidade se cumpriram, em parte, como o ideal ilustrado do conhecimento do mundo físico, pois este tipo de racionalidade nos permite compreender - e dominar - o mundo natural em um grau impensável em outras épocas. Mas fracassou naquilo que, talvez, fosse ainda mais importante para a Modernidade em seu conjunto: o conhecimento da realidade humana e a descoberta de princípios de conduta racional que permitissem ao homem uma vida de responsabilidade e liberdade. Dito de outro modo, Ortega y Gasset, tal como Husserl, considera evidente a existência de uma crise na ideia de racionalidade. A racionalidade do Racionalismo e de toda a Modernidade fracassou. A superação da Modernidade, tema constante na filosofia orteguiana, apenas é possível se superarmos este conceito de racionalidade. Ortega y Gasset aponta a causa para este fracasso: as ciências físico-matemáticas podem explicar o mundo físico; entretanto, o mundo humano não é como o mundo físico, o homem não tem natureza, não tem um ser fixo, estático, o homem tem história.

Ortega y Gasset (1965) diz que necessitamos de uma razão que seja capaz de descrever os sentidos do mundo humano, que nos permita entender a realidade humana. Para ele, a razão pura - matematizante, instrumental - não consegue captar o homem em sua singularidade, em suas realizações históricas. A razão pura não nos serve. Assim, o autor propõe a razão histórica: dado que o homem não tem natureza, esta se faz ao longo da história. Desse modo, devemos apostar no conhecimento histórico, tanto dos indivíduos concretos (estudando sua biografia), como dos indivíduos de uma época (estudando o conflito entre gerações) e de toda uma época.

Para Ortega y Gasset (1963), portanto, a grande tarefa do homem é sua própria cons-

trução, sua própria fabricação, sua condição de estar aberto ao que lhe vem ao encontro e retira-lhe a inoperância frente à vida. Dito isso, é um erro crer que a vida é uma operação receptiva, um transitar por entre as coisas, um sofrer passivo e gozar o que nos vem de fora; pelo contrário, viver é interferir. No entanto, este mundo, as circunstâncias nas quais todos estamos presos, oferece-nos um leque de possibilidades de ser. Não nos é permitido escolher se nos ocuparemos ou não de nossas vidas, temos que fazê-lo, queiramos ou não; e este se ocupar, imposto impiedosamente, é fazer isto ou aquilo, realizar esta ou aquela possibilidade. Assim, a liberdade humana nasce, paradoxalmente, dentro da fatalidade que é o viver. Mais de dez anos antes de Sartre (1997, p. 543) proclamar “que o homem está condenado a ser livre”, o filósofo madrilenho, em *A Rebelião das Massas*, afirmava soberbo: “viver é sentir-se fatalmente forçado a exercitar a liberdade, a decidir o que vamos ser neste mundo” (Ortega y Gasset, 1962, p. 102, grifo do autor).

O conceito de liberdade na filosofia orteguiana se insere numa perspectiva criadora da vida humana: o humano se encontra frente as suas decisões, comprometido com o que projeta ser, lançado no mundo das possibilidades sem indicativos a priori que possam assinalar pressupostos no caminho do existir. Ser livre é, então, não predispor de identidade constitutiva. Essa condição de estar aberto ao que lhe vem ao encontro, retira do homem a inoperância frente à vida. Nesse sentido, embora possa existir uma expectativa implícita, por parte do cliente em psicoterapia, de alívio ou extermínio da questão de sua demanda, esperando que o saber profissional seja capaz de livrá-lo de seus sintomas, é no embate com a sua configuração de mundo que o processo de mudança pode ser vislumbrado.

Desse modo, por um viés orteguiano, a existência humana não possui uma essência que a defina. O homem carrega consigo a indeterminação de “ser”, é um poder-ser em um mundo. Ou, ainda, “A experiência humana da vida é, originariamente, a experiência da fluidez constante, da mutabilidade, da inospitabilidade do mundo, da liberdade” (Critelli, 1996, p. 16).

O homem, o cliente, portanto, está fadado a cuidar de ser. É atividade pura: “o homem, assim, é um ente obrigado, condenado a cuidar do seu ser, de tornar-se” (Critelli, 1988, p. 67). Em outras palavras, estar “condenado, queira ou não, a ser livre, a ser, por sua própria conta

e risco” (Ortega y Gasset, 1973, p. 83) é seu privilégio, que cabe à terapia enaltecer.

Ortega e o homem enquanto liberdade: subsídios para a prática clínica

Como bem ressalta Sá (2009, p. 4), a psicoterapia “[...] é uma práxis que [...] se alimenta [...] da experiência de vida”. É esta uma questão fundamental para entendermos a liberdade humana em Ortega y Gasset.

Ortega y Gasset ressalta que, quando se aborda o psíquico pela perspectiva da ciência natural, nada se aclara do que sentimos como mais estritamente humano:

O prodígio que a ciência natural representa como conhecimento de coisas contrasta brutalmente com o fracasso dessa ciência natural ante o propriamente humano. O humano se escapa à razão físico-matemática como a água por uma peneira (Ortega y Gasset, 1982, p. 36).

Ou seja, para Ortega y Gasset (1982), a razão física é alheia à psicologia do homem, porque este não é uma coisa, não podendo ser abordado, portanto, com os conceitos que nos esclarecem os fenômenos da matéria, mas com outros radicalmente distintos. Nesse sentido, o homem precisa ser compreendido como aquele que responde aos apelos do mundo, projetando-se no futuro para alcançar possibilidades ainda não realizadas.

Assim, Ortega y Gasset, desde *Meditações do Quixote* (1967 [1914]), concebe uma nova filosofia, o *raciovitalismo*, isto é, a filosofia da razão vital. O filosofar, segundo a razão vital, é o procedimento que traz novas possibilidades para pensar o mundo e entender nossa existência nele. Sim, pois, para este filósofo, o homem tem a luz como imperativo, ou seja, é ontologicamente abertura vital doadora de sentido. Eis o significado do termo “razão” em sua filosofia.

A razão vital, portanto, é a razão aberta que considera o homem tal como aparece, isto é, que tenta compreender a vida humana na sua realidade surgente originária. Revela a vida porque toma o homem na originalidade da sua consistência. Não parte de uma definição para, em seguida, deduzir, *more geométrico*, largas cadeias de raciocínio sobre o homem. A razão vital e histórica não é uma teoria pura, formal sobre a vida, embora seja *logos*, conceito rigoroso (Orte-

ga y Gasset, 1982). É a única que dá razão do real concreto. A razão pura é incapaz de olhar as coisas senão como “casos” perfeitamente intermutáveis e submetidos unicamente a leis genéricas (Ortega y Gasset, 1967). Compreender o homem, portanto, não consiste em prever sua conduta mediante o conhecimento antecipado das leis que, por hipótese, regem sua “natureza”, mas recolocá-lo em um contexto, em uma “circunstância”. Afinal, o homem está aberto ao mundo e às coisas, e é nesta recíproca relação que desenvolve sua racionalidade. Por isso, a razão não é um arquivo ou ordenador frio e insensível, como a pintaram os racionalistas, empiristas e kantianos, mas, sim, função da vida, é uma razão vital, e, conseqüentemente, histórica.

A afirmação que se tornou emblemática em sua filosofia, “Eu sou eu e minhas circunstâncias” (Ortega y Gasset, 1967, p. 52), foi expressa pela primeira vez em *Meditações do Quixote* (1967 [1914]), percorrendo depois grande parte de sua obra. Na sua concepção, não há primazia de uma realidade humana, interna, pessoal, em detrimento de uma realidade externa, do mundo ou da circunstância. E, sendo o homem somente nas suas circunstâncias e havendo uma interdependência essencial entre os dois, “ser” não pode mais significar algo independente do homem, que se realiza por si. Por outro lado, também não pode ser compreendido por subjetividade, intimidade hermética, concentração em si, perfeição.

Para Ortega y Gasset (1971, p. 220), “ser significa ‘viver’ – portanto, intimidade consigo e com as coisas”. Ou seja, é interdependência, correlação, coexistência, pois a vida é, em seu aspecto mais fundamental, a existência do eu com as coisas. Sendo assim, ao contrário do que pensou a ontologia tradicional, ser não é autossuficiência, independência – ser é indigência, “é necessitar um do outro” (Ortega y Gasset, 1971, p. 223).

Desse modo,

Não é o mundo por si junto a mim e eu por meu lado aqui, junto a ele – senão que o mundo é o que está sendo para mim, no dinâmico ser frente e contra mim, e eu sou o que atua sobre ele, o que o olha e o sonha e o sofre e o ama ou o detesta. [...] ‘minha vida’ não sou eu sozinho, eu sujeito, senão que viver é também mundo (Ortega y Gasset, 1971, p. 223-224).

Portanto, a vida humana é a coexistência do eu com o mundo. Logo, é impossível, pois,

pensá-los separadamente: “A verdade é que existo eu com meu mundo e em meu mundo – e eu consisto em ocupar-me com esse meu mundo” (Ortega y Gasset, 1971, p. 212). Ocupar-se com o mundo quer dizer, amar, odiar, pensar, imaginar, transformar, afetar e ser afetado, enfrentar o repertório de facilidades e dificuldades que ele nos impõe.

A vida ocorre entre coisas e as coisas se dão na vida. “Todas as coisas, sejam o que forem, são já meras interpretações que (o homem) se esforça a dar ao que encontra. O homem não encontra coisas, senão que as põe e supõe. O que encontra são puras dificuldades e facilidades para existir” (Ortega y Gasset, 1982, p. 42). Opostamente às coisas, que existem na circunstância e se dão na vida, como dificuldades ou facilidades para o homem, este não é uma coisa, mas um projeto ou um drama. O homem é o seu projeto, é aquilo que faz de si mesmo. “O homem não é seu corpo, que é uma coisa, nem sua alma, psique, consciência ou espírito, que é também uma coisa. O homem não é coisa nenhuma, senão um drama” (Ortega y Gasset, 1982, p. 42). Por isso, afirma o autor, sendo a vida um drama, o que seria sua substância é seu argumento. E o homem, fazendo-se a si mesmo, a partir de um script que ele próprio compõe, “é novelista de si mesmo, original ou plagiário” (Ortega y Gasset, 1982, p. 43).

Essa condição de ser inconcluso, de fazer-se a si próprio, é o fundamento da liberdade humana. Uma liberdade a que o homem está condenado, por não ter outro remédio senão o de estar constantemente optando e, nesse processo, se autoconfigurando:

A liberdade não é uma atividade que exercite um ente, o qual, por si e antes de exercitá-la, já tivesse um ser fixo. Ser livre quer dizer carecer de identidade constitutiva, não estar adscrito a um ser determinado, poder ser outro diferente do que se é e não poder instalar-se de uma vez para sempre em nenhum ser determinado. O único que há de ser fixo e instável no ser livre é sua constitutiva instabilidade (Ortega y Gasset, 1982, p. 43).

Afinal, a vida, argumenta Ortega y Gasset (1973), não nos é dada feita. Ao contrário, cada um de nós tem de fazê-la para si, cada qual a sua. Assim, sua liberdade nasce, paradoxalmente, dentro da fatalidade que é o viver. Eis o aspecto irrevogável da vida humana, o drama do qual ele não pode escapar, que é “a liberdade na fatalidade e a fatalidade na liberdade” (Ortega y Gasset, 1971, p. 237). Ainda, nas suas palavras:

O mais estranho e incitante dessa circunstância, ou mundo, em que temos de viver, consiste em que sempre nos apresenta, dentro do seu círculo ou horizonte inexorável, uma variedade de possibilidades para a nossa ação, variedade diante da qual não temos outro remédio senão escolher e, portanto, exercitar a nossa liberdade (Ortega y Gasset, 1973, p. 82).

O ato clínico, portanto, passa a representar o convite a essa demanda de fazer-se dentro das facilidades e dificuldades, através de um olhar que possa contemplar e alcançar a singularidade das existências, que se vão construindo nos caminhos traçados pelos desejos humanos e seus quereres, e reveladores da sua condição de ser no mundo. Compreender o homem, então, não consiste em prever sua conduta mediante o conhecimento antecipado das leis que, por hipótese, regem sua natureza, mas recolocá-lo em um contexto, em uma *circunstância* cujo principal ingrediente é o tempo. Assim, compreendê-lo é restituí-lo à história, historializá-lo (Ortega y Gasset, 1982). Então, para comprovar algo humano, pessoal ou coletivo, é preciso contar uma história fundamentada na concretude da vida, da vida de cada um (Ortega y Gasset, 1982). Entendamos melhor essa questão com um pequeno exemplo situacional.

Suponhamos que alguém que conhecemos se suicida. O que nos preocupa, ao sabermos da notícia, não é o fato em si, mas sua significação, ou seja, o conhecimento dos motivos que levaram a pessoa a suicidar-se. Não estamos diante de uma figura abstrata, diante do suicídio, mas do suicídio de alguém. Seria inútil, para compreender o gesto do amigo desesperado, ler ensaios sobre o suicídio. Não nos importa saber que o ente humano é, em tese, capaz de matar-se, mas por que razão este ente determinado, aqui e agora, se matou. A compreensão do gesto implicaria, então, o conhecimento de todos os seus antecedentes, pois o gesto não passa de um desenlace, de um desfecho, que pôs termo à vida, e, portanto, à história de um homem. Para compreendê-lo, é necessário contar uma história. É preciso, pois, procurar a especificidade do homem como ente de si mesmo. A realidade humana, então, se expressa de muitos modos porque nasce de uma história particular que reúne experiências que não se repetem. É, pois, um fato normal que cada pessoa se mostre de um modo, mesmo partilhando de uma cultura comum.

Conseqüentemente, os parâmetros metodológicos para que nós possamos aprofundar

e desenvolver uma compreensão acerca do homem ou uma ajuda terapêutica, por exemplo, têm que estar fundados nessa especificidade que não tem um caráter especial diferenciador enquanto valor, mas como algo que lhe é privativo, que lhe é próprio. Essa especificidade permite encontrar aquilo que fundamentaria uma Epistemologia que fosse ao encontro a esse ente, cujo nome é Humano.

Ortega y Gasset (1982) ressalta que, quando se aborda o psíquico através da perspectiva da ciência natural, nada se aclara sobre o que sentimos como mais estritamente humano:

O prodígio que a ciência natural representa como conhecimento de coisas contrasta brutalmente com o fracasso dessa ciência natural ante o propriamente humano. O humano escapa à razão físico-matemática como a água por uma peneira (Ortega y Gasset, 1982, p. 36).

O pensar não é o básico do homem. O pensar é apenas uma atividade, dentre as muitas atividades que se pode tomar na vida. Esta sim é dada ao homem. Mas não é dada pronta, é preciso construí-la, sempre. É preciso, a todo o momento, reafirmar a própria existência, decidindo o que se será no próximo instante. Assim, se é compelido a escolher as ações próprias a toda a hora.

A grande dificuldade é decidir-se pela própria autenticidade. É conhecer-se a si mesmo, como pede a inscrição no Templo de Delfos na Grécia Antiga (*Conhece-te a ti mesmo*). É chegar a ser o que se deve ser, conforme o princípio ético do poeta grego Píndaro (*Homem, torna-te o que és*). É descobrir a própria vocação e a seguir à risca em todas as decisões da vida. Difícil. Mas ninguém disse que seria fácil. A vida é, assim, puro drama. O homem não é uma *res cogitans*, mas uma *res dramática*, uma unidade dramática do eu e mundo, ou seja, do eu e sua circunstância. Afinal, se o homem fosse um ser estático, e a vida, em vez de ocupação e de preocupação, fosse crescimento espontâneo natural, encontrar-se-ia liberto de problemas e de perplexidades.

O ator principal do drama da vida, portanto, é o homem. Por se perguntar pela própria vida, por questionar seu passado e antecipar seu futuro, por necessitar da sua circunstância, é também ele o agente encarregado da própria biografia, compartilhando, ao mesmo tempo, da experiência da criatura e do criador, pois possui o caractere essencial da imaginação: é um ente que tem a obrigação de imaginar a si

mesmo, de se procurar numa dimensão longínqua de sua existência, de criar-se e renovar-se a todo instante, de se atualizar frente a um futuro incerto. O ser pessoal é incompleto, por isso, imperfeito; é sempre um projeto (Marías, 1971). E essa condição de ser inconcluso, que se faz a si próprio, é o fundamento da liberdade humana: liberdade a que o homem está condenado, por não ter outro remédio senão o de estar constantemente optando e, nesse processo, se autoconfigurando. A vida é *quefazer*, dá muito que fazer.

Vemos, então, que emana da filosofia orteguiana um homem que não pode ser pensado como ente substancializado, cristalizado em conceitos aparte sua biografia e, conseqüentemente, fora de sua ação no mundo, perante as circunstâncias. Enfim, fora do âmbito da liberdade humana.

A liberdade não é uma atividade que exerce um ente, o qual, por si e antes de exercitá-la, já tivesse um ser fixo. Ser livre quer dizer carecer de identidade constitutiva, não estar adscrito a um ser determinado, poder ser outro diferente do que se é e não poder instalar-se de uma vez para sempre em nenhum ser determinado. O único que há de ser fixo e instável no ser livre é sua constitutiva instabilidade (Ortega y Gasset, 1982). A noção de liberdade no pensamento orteguiano é movimento/ação e pode ser compreendida através de três momentos fundamentais que compõem sua estrutura: *invenção*, *decisão* e *responsabilidade*.

O momento de *invenção* revela esta constitutiva instabilidade ou a carência de identidade constitutiva (ou de natureza substancializada), traduzindo a constante criação do homem a si mesmo. A invenção, portanto, dá-se no solo do *quefazer* vital. Como a vida não é dada feita, tem o homem que ir inventando a sua, fabricando a si mesmo. Traduz a concepção de obra aberta (drama), na tarefa infinda de dar forma ao programa vital, que não dispõe de um modelo pré-estabelecido, sendo então prescrito apenas pela imaginação para escolher entre os vários possíveis aquele que vá de encontro ao apelo de sua intimidade.

O momento de *decisão* refere-se à obrigação humana de escolher entre os vários possíveis. Pode optar por decisões mecânicas, sem usar seu poder reflexivo, ou encontrar o pensar meditativo como forma de eleição (aqui se opera a razão vital). Portanto, há uma relação ontológica entre o viver e a obrigatoriedade de decidir. Daí a tragicidade do *quefazer* vital. Ser livre para decidir significa que somos for-

çados a fazer escolhas. Assim, as facticidades, as quais Ortega y Gasset (1973) identifica com as circunstâncias, são a matéria, manifesta nas situações humanas, com a qual o projeto do existir busca se realizar mediante a escolha entre os possíveis. Por isso, o homem não é, mas está em constante via de realização.

Por fim, temos o momento da *responsabilidade*. É ético, já que se refere à autoria das decisões. É ocupar-se do projeto próprio, opondo-se, assim, ao inautêntico modo de ser ou despreocupação.

E é nessa perspectiva aberta, atuante, a partir do defrontar do eu e da circunstância, que surgirá o *quefazer* vital para impulsionar a dramática condição da vida humana no incesante ocupar-se com o mundo de forma livre.

Dessa forma, o conceito de liberdade em Ortega y Gasset se inscreve numa perspectiva criadora da vida humana como parte da constituição do ser. Assim, contrário às posições deterministas, para este filósofo, o homem frente as suas decisões – decidir o projeto (vocação) de sua vida – está lançado no mundo das possibilidades sem indicativos *a priori* que possam apontar pressupostos no caminho do existir. Portanto, ser livre é carecer de identidade constitutiva.

Dentro de cada vida, as coisas se ordenam em uma perspectiva mutante, em uma hierarquia, cujo princípio é interno a essa vida singular e não coincide com a que uma consideração exterior suporia. É, pois, pela biografia que atingiremos a importância e significação ou, preferindo-se, o *sentido*. Ou seja, as coisas nos levam segundo sua importância e, em um sentido determinado que têm para nós, por sua significação – por isso a vida é interpretação de si mesma e de seus conteúdos. Em outras palavras, a liberdade é sempre vivida em situação.

Mas, cabe ressaltar, a vida nem sempre transcorre em equilíbrio, pois o desaparecimento de um ingrediente ou a irrupção de outro ou o deslocamento da significação de um deles – variações que de fora podem parecer mínimas – podem romper esse equilíbrio sutil que permitia a fluência da vida, e esta, então, fica afetada por uma radical desorientação (Marías, 1971). Quando o homem se sente perdido, naufrago das coisas em um mundo que o domina, se altera, se aliena. A alteração, às vezes, cega o homem, o obriga a atuar mecanicamente em um frenético sonambulismo, fazendo-o despreocupar-se de seu atributo mais essencial: a possibilidade de meditar, de recolher-se dentro de si mesmo, para se pôr

de acordo consigo e precisar, para si mesmo, aquilo que crê; aquilo que estima de verdade (Ortega y Gasset, 1973).

O “ensimesmamento”, por sua vez, é a retirada estratégica a si mesmo, que dota o homem de um pensamento de alerta, sem o qual a vida humana não seria possível. Forja técnicas, inventa novos repertórios de atos que lhe permitam dominar as circunstâncias. Portanto, desse mundo interior emerge e volta ao de fora:

Mas volta na qualidade de protagonista, volta com um si mesmo que antes não tinha, [...] não para deixar-se dominar pelas coisas, mas antes para governá-las, para lhes impor sua vontade e seu desígnio, para realizar, nesse mundo de fora, as suas ideias, para modelar o planeta segundo as preferências de sua intimidade (Ortega y Gasset, 1973, p. 60).

Assim, “o ensimesmamento não é senão um projetar a ação futura” (Ortega y Gasset, 1973, p. 62). Nele, o homem não exercita somente sua inteligência, vai além do pensar, através do uso da imaginação, a qual lhe permite ver-se diferente do que é e a elaborar um projeto para si. É a própria vida que se faz neste momento, totalmente permeada de imagens, situações que o próprio homem constrói, no desejo de construir a si mesmo e ao seu mundo: “se o homem não tivesse o mecanismo psicológico de imaginar, ele não seria homem” (Ortega y Gasset, 1989, p. 47). Assim, para o autor, é na radical solidão (“ensimesmamento”) que o homem é a sua verdade. A solidão aparece no filósofo espanhol como momento de extrema produtividade humana.

Afinal, como alerta Lispector (1949, p. 27), “os seres marinhos, quando não tocam o fundo do mar, se adaptam a uma vida flutuante”. Isso também ocorre conosco, uma vez que a tarefa de mergulhar na dimensão de nosso ser mais íntimo, por ser árdua e dolorosa, faz com que prefiramos o conforto de permanecermos na superfície, como se boiássemos sem direção própria. Entretanto, impelidos a preferir o conforto da superfície, desviamos-nos da busca de nosso próprio caminho, daquele que cada um deve e pode construir. Este é o diferencial humano: liberdade para se rebelar ou se acomodar, escolher, agir.

Por isso, para Ortega y Gasset (1973), ninguém pode enxergar nossa vida por nós, sentir nossas dores e emoções. Só a vida de cada um guarda transparência com tudo o que cada um faz e lhe acontece. Podemos duvidar da dor de cabeça do próximo, mas não da dor que senti-

mos, a qual não aparece como objeto ou espetáculo, mas como presença a cada um de nós. Só desta vida temos intuição imediata, sem especulação nem teoria.

Sendo o homem romancista de sua própria vida, é a esta vida que temos de nos ater se pretendemos compreendê-la. Como afirma Mariás (1967, p. 81), um dos maiores, se não o maior discípulo do filósofo espanhol Ortega y Gasset, “o decisivo não é, nem as coisas, nem o eu, que são ingredientes parciais e abstratos de minha vida, senão o que faço com elas, o drama com personagem, argumento e cenário, que chamo *minha vida*” (grifo do autor).

Vislumbra-se, assim, uma práxis clínica em favor do reconhecimento da ação humana enquanto fenômeno que verdadeiramente interessa conhecer: o homem enquanto autor e protagonista de sua história, pessoal e intransferível, e cujas significações, por conseguinte, só ele pode estabelecer a partir do exercício de sua liberdade. O trabalho psicoterapêutico deve, pois, possibilitar ao homem o confronto com seu atributo mais essencial: a possibilidade de meditar (Ortega y Gasset, 1971). Afinal, nossa vida é, para nós, transparente, mas o que é transparente é o mais difícil de ver (Ortega y Gasset, 1965). É, pois, pela meditação, pela reflexão, que o homem, enquanto obra aberta – drama – que está a construir-se, fazer-se, pode eleger entre as múltiplas possibilidades aquela que responda verdadeiramente ao apelo do seu eu autêntico.

Nesse sentido, acreditamos que Ortega y Gasset tem muito a oferecer ao campo clínico em sua tarefa de compreensão humana. O que se oferece como demanda à psicoterapia não é senão o reflexo da reciprocidade e da inseparabilidade do homem com suas circunstâncias diante da inevitabilidade de ter que se fazer, de obrar sua existência, de exercer sua insustentável e irremediável liberdade.

A ação clínica deve, pois, dedicar-se a colocar em andamento o que já é próprio do humano, ajudando-o a *pró-curar* aquilo de que foge: a morada no sentido e o habitar *des-cobrimdo* ele mesmo e o mundo, relançando-o na sua existência, a fim de que pense a própria vida. A ação clínica assim compreendida rompe com o modo de contato construído numa concepção técnico/explicativa, constituindo-se numa disponibilidade para acompanhar o outro (cliente) em seu cuidar das suas possibilidades mais próprias, dispondo destas livremente e com responsabilidade.

Não restam dúvidas de que o referencial teórico do psicólogo clínico constitui-se numa das ferramentas com as quais ele constrói o espaço da clínica. Porém, ao mesmo tempo em que necessita desse referencial para visualizar a queixa, problema ou sofrimento do indivíduo, ele precisa se afastar desse mesmo referencial para poder enxergar a singularidade do sujeito, sem correr o risco de impor o seu saber sobre ele.

Tal modo de pensar nos faz considerar a subjetividade como um espaço individual cujas significações sociais constituem a história pessoal desse sujeito e os sentidos que ele atribui ao mundo. Afinal, “o conhecimento ocorre na vida há de ser derivado dela” (Vita, 1971, p. 7). E, como a vida não é dada pronta ao animal humano, devendo este desbravá-la, sem o domínio seguro dos meios para tal, atemoriza-se, desprivilegiando sua capacidade de esclarecimento de seus enigmas. Disso resulta a incongruência entre a necessidade que o homem tem de conhecer e as “faculdades” que possui para isso. Não ter percebido isso é, para Ortega y Gasset (1971), o erro substancial de todas as teorias do conhecimento.

Enfim, as pessoas constituem o problema da vida, “algo concreto, incomparável, único”, que se realiza no *com-viver* e no *co-existir*, na troca de substâncias e no entrelaçamento de circunstâncias (Ortega y Gasset *in* Mariás, 2004, p. 500-508).

Ortega y Gasset (1963) reconhece que poucos instrumentos são tão poderosos e eficazes em termos de mudança como o conhecimento. Entretanto, preocupou-o a constatação do progresso científico e de seu conseqüente arsenal tecnológico, ao produzir, com seu ímpeto de obsessiva inovação, utilidades supérfluas, transformando os homens em autômatos, recalçando sua liberdade.

Talvez o mais prudente ao psicoterapeuta, diante do torvelinho de problemas daquele que lhe procura por ajuda, seja dizer, como sugere Ortega y Gasset (1973, p. 73),

Calma! Que sentido tem esse imperativo? Simplesmente, o de convidar-nos a suspender um momento a ação, para nos recolher dentro de nós próprios, para passar uma revista em nossas ideias sobre a circunstância e forjarmos um plano estratégico.

É, preciso, pois, uma interação que seja aberta a um “segundo olhar” sobre nossa situação, sobre nossa experiência com as circunstâncias, levando-nos a detalhes, perspectivas,

que, preliminarmente, não percebíamos: assim, parar, prosseguir, conservar e integrar, mas nunca deixar de refletir o presente.

Palavras finais

Dessa forma, através de Ortega y Gasset, propomos um repensar sobre a compreensão humana e, com ela, a postura diante do ato clínico, em que acolher o outro em seu sofrimento subjetivo é também considerar sua circunstancialidade, levando à desreificação de uma concepção de natureza universal. Assim, para compreender o homem e sua realidade, devemos colocar a vida no centro da investigação, pois é nela que se manifestam todas as formas de experiência do real. As demais realidades para que signifiquem algo, tem que aparecer e se manifestar em *minha vida*.

Ortega y Gasset encontra como fato primário e fundamental a existência conjunta de um eu ou uma subjetividade e seu mundo. Portanto, o dado radical não é minha existência, não é *eu existo*, mas minha coexistência com o mundo: não há um sem o outro. Nossa vida, pois, se apresenta constituída por duas dimensões inseparáveis. Em sua dimensão primária, viver é estar eu, o eu de cada qual na circunstância e não ter saída a não ser ater-se com ela, o que impõe à vida uma segunda dimensão que consiste em não haver outro remédio senão averiguar o que a circunstância é.

Há, em Ortega y Gasset (1967), uma rigorosa conceituação filosófica acerca da relação entre o eu e sua circunstância. O autor nos mostra, em toda a extensão de sua primeira obra, *Meditações do Quixote*, que o homem se comunica com o mundo a partir de sua circunstância. Desse modo, acentua uma conduta operante, uma respondente e outra responsável, como mencionamos.

É, assim, preciso *salvar*, compreender a circunstância, conduzir generosamente as coisas à plenitude do seu significado, é ligar coisa com coisa e tudo conosco, numa viva pertinência recíproca. No pensamento orteguiano, portanto, o homem não vive separado do espaço-tempo em que se situa. No *Eu sou eu e minha circunstância*, temos o ser circundado de coisas, fazendo e definindo-se. Para pensar o ser do homem, sugere que comecemos pela realidade mesma que o envolve. Através de uma metáfora, ensina-nos que, se alguém está se afogando, é na própria água em que se afoga que deverá buscar apoio para se salvar (Morejon, 1958). A circunstância torna-se, então,

o ponto de partida para toda reflexão filosófica e também, ou principalmente, para a investigação sobre o ser do homem, já que é um elemento essencial na constituição daquilo que o homem é, impedindo a concepção do homem como um ser ontologicamente independente.

Dito isso, o psicólogo, no âmbito da psicoterapia, precisa aprender a se ater a essa reciprocidade. É preciso que o psicólogo “abandone o psicologismo ou subjetivismo em que suas mais finas produções atuais andam perdidas e reconheça que sua missão é reconstruir as condições objetivas em que os indivíduos, os sujeitos humanos estão submersos” (Ortega y Gasset, 1989, p. 37). Sua pergunta radical deve centrar-se, portanto, não em como são os homens, mas em como varia a estrutura objetiva da vida. Assim, a proposta de Ortega y Gasset, que acreditamos ser de grande valia para a psicoterapia, defende que seja instaurado um modelo de razão que pense a vida entendida como uma trajetória com razões constantes das escolhas fundadas no comprometimento com a liberdade individual e a singularidade de cada indivíduo.

Referências

- CRITELLI, D.M. 1988. O Des-enraizamento da Existência. In: M.F.F.S. BEIRÃO (org.), *Vida e Morte: ensaios fenomenológicos*. São Paulo, Ilimitada, p. 67-85.
- CRITELLI, D.M. 1996. *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo, EDUC, Brasiliense, 142 p.
- FREITAS, M.H. 2001. Formação do psicólogo: desafios e perspectivas - a experiência da Universidade Católica de Brasília. *Temas em Psicologia da SBP*, 9(1):29-43.
- LISPECTOR, C. 1949. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro, Editora A Noite, 150 p.
- MARÍAS, J. 1967. *El método histórico de las generaciones*. Madri, Revista de Occidente, 214 p.
- MARÍAS, J. 1971. *Antropologia metafísica: a estrutura empírica da vida humana*. São Paulo, Editora Duas Cidades, 263 p.
- MARÍAS, J. 2004. *História da Filosofia*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 589 p.
- MOREJON, J.G. 1958. Actualidade del pensamiento de Ortega y Gasset. *Revista Brasileira de Filosofia*, 5(4):523-538.
- ORTEGA Y GASSET, J. 1962. Origen y epílogo de la filosofía. In: J. ORTEGA Y GASSET, *Obras Completas*. Madrid, Revista de Occidente, vol. IX, p. 349-434.
- ORTEGA Y GASSET, J. 1963. *Meditação da Técnica. Vicissitudes das Ciências. Cacofonia na Física*. Rio de Janeiro, Editora Livro Ibero-Americano, 135 p.
- ORTEGA Y GASSET, J. 1965. *History as a system and other essays toward a philosophy of history*. New York, W.W. Norton & Company, 269 p.
- ORTEGA Y GASSET, J. 1967. *Meditações do Quixote*. São Paulo, Editora Livro Ibero-Americano, 375 p.
- ORTEGA Y GASSET, J. 1971. *Que é Filosofia?* Rio de Janeiro, Editora Livro Ibero-Americano, 192 p.
- ORTEGA Y GASSET, J. 1973. *O homem e a gente: inter-comunicação humana*. Rio de Janeiro, Editora Livro Ibero-Americano, 306 p.
- ORTEGA Y GASSET, J. 1982. *História como sistema. Mirabeau ou o político*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 86 p.
- ORTEGA Y GASSET, J. 1989. *Em torno a Galileu. esquema das crises*. Petrópolis, Editora Vozes, 191 p.
- SÁ, R.N. 2009. 2009 – Ano da Psicoterapia: contribuições para o debate. *Jornal do CRP-RJ*, 6(23):4.
- SARTRE, J.-P. 1997. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis, Editora Vozes, 782 p.
- VITA, L.W. 1971. Prólogo. In: J. ORTEGA Y GASSET, *Que é Filosofia?* Rio de Janeiro, Editora Livro Ibero-Americano, p. 3-8.

Submetido em: 26/02/2010

Aceito em: 27/07/2010